



Munich Personal RePEc Archive

## **Familiar agriculture: contributions for the national growth**

Guilhoto, Joaquim José Martins; Ichihara, Silvio Massaru;  
Silveira, Fernando Gaiger and Azzoni, Carlos Roberto

2008

Online at <http://mpra.ub.uni-muenchen.de/31510/>  
MPRA Paper No. 31510, posted 14. October 2011 / 22:09

# **Agricultura Familiar: contribuindo para a riqueza nacional (Family Agriculture: Contributing to the Brazilian National Wealth)**

*Joaquim José Martins Guilhoto*

*Departamento de Economia, FEA, Universidade de São Paulo*

*Silvio Massaru Ichihara*

*Universidade de São Paulo*

*Fernando Gaiger Silveira*

*IPEA*

*Carlos Roberto Azzoni*

*Departamento de Economia, FEA, Universidade de São Paulo*

**Abstract:** The aim of this paper, in Portuguese, is to estimate how important is agriculture and family agriculture agribusiness for Brazil and its states. To do so, the GDP for the agribusiness of these complexes is estimated for Brazil and for its 27 states. The estimation is based on an interregional input-output system constructed for the Brazilian economy. The agribusiness takes into consideration the relations between the agriculture production and the other sectors in the economy (inputs for production, industry, transportation, distribution, and commercialization). The importance of the agribusiness can be evidence for it is share of about 30% in the total Brazilian GDP, but regional differences will make this average oscillates between 4% and 79% in the Brazilian states. Another distinction will be made between small familiar production and large scale production that will vary according to the product and the state. Some relation between land distribution and the type of agriculture will also be made.

O setor agropecuário familiar é sempre lembrado por sua importância na absorção de emprego e na produção de alimentos, especialmente voltada para o autoconsumo, ou seja, focaliza-se mais as funções de caráter social do que as econômicas, tendo em vista sua menor produtividade e incorporação tecnológica. Entretanto, é necessário destacar que a produção familiar, além de fator redutor do êxodo rural e fonte de recursos para as famílias com menor renda, também contribui expressivamente para a geração de riqueza, considerando a economia não só do setor agropecuário, mas do próprio país. Para justificar esta afirmação o texto a seguir apresenta os principais resultados da pesquisa realizada pela parceria NEAD-FIPE<sup>1</sup> intitulada como: “A importância do agronegócio familiar no Brasil”.

O trabalho mensurou a importância do setor familiar, através da quantificação do Produto Interno Bruto (PIB), não apenas de sua produção agropecuária, mas de todo o complexo de indústrias, comércio e serviços existentes a montante e a jusante das pequenas propriedades e posses familiares – o que se denominou agronegócio familiar. Este termo foi utilizado porque a importância de uma atividade não se concentra apenas nela, mas também no que depende dela. Exemplificando, é como se uma atividade simplesmente deixasse de existir, além da ausência de sua produção, todos os setores que alimentam e são alimentados por ela seriam prejudicados, dada à interdependência existente entre as relações dos setores na economia.

Deste modo, a expressividade da atividade familiar quantificada pelo PIB do agronegócio familiar se torna mais ampla e define melhor como a produção dos pequenos produtores realmente interfere na economia. As estimativas do PIB relativo ao agronegócio familiar e patronal (denominação da produção que não é de origem familiar) foram calculadas utilizando-se dados provenientes de fontes estatísticas oficiais e métodos de análise econômica fundamentados na teoria de insumo-produto.

Os resultados mostram que o segmento familiar da agricultura brasileira, ainda que muito heterogêneo, responde por expressiva parcela da produção agropecuária e do produto gerado pelo agronegócio brasileiro, devido ao seu inter-relacionamento com importantes segmentos da economia.

---

<sup>1</sup> NEAD - Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural - Ministério do Desenvolvimento Agrário  
FIPE - Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas

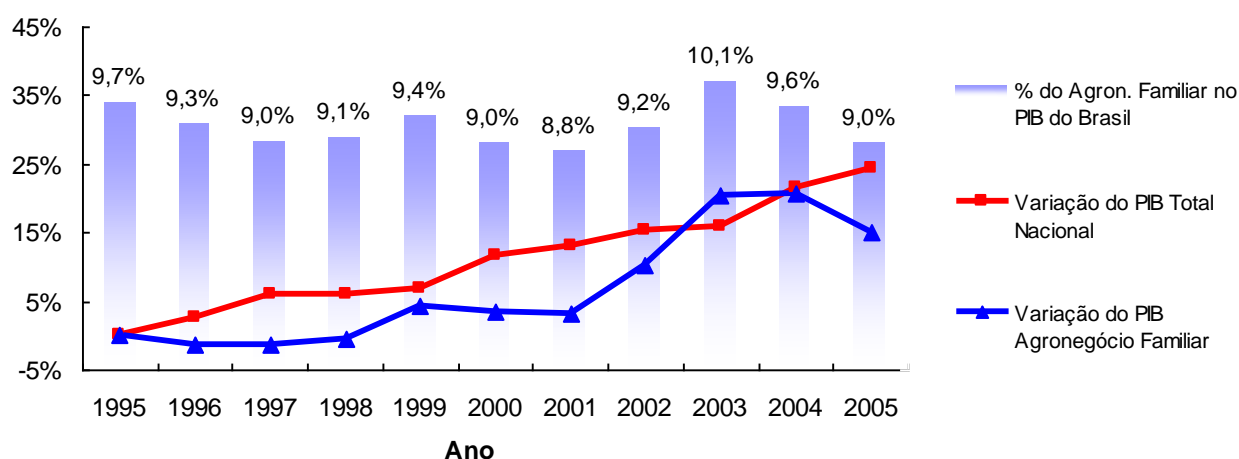


Gráfico 1. Evolução do PIB do Brasil e do agronegócio familiar, com sua respectiva participação total nacional, entre 1995 a 2005.

Fonte: Pesquisa PIB Agronegócio Familiar – NEAD-FIPE

Ao longo do período de análise, entre 1995 a 2005, o segmento familiar do agronegócio brasileiro respondeu por cerca de 10% do PIB brasileiro, parcela bastante expressiva, considerando que a participação do agronegócio situa-se ao redor de 30% do PIB da economia brasileira. Enquanto o PIB do Brasil teve um crescimento acumulado de quase 24% atingindo ao redor de 1,9 trilhões de reais, em 2005, porém a evolução do agronegócio familiar foi inferior, com um aumento de pouco mais de 15% (**Gráfico 1**).

Entre 2001 a 2003, a ascensão do agronegócio familiar superou a média nacional, mas seu crescimento desacelerou em 2004, sendo que em 2005, observou-se um refluxo da produção, não apenas do setor familiar, mas de todo o complexo agropecuário em razão da apreciação do câmbio, dos problemas climáticos em importantes regiões produtoras e dos problemas sanitários ocorridos na pecuária, quadro que se repetiu, em parte, no ano passado.

Em 2005, a participação do agronegócio familiar no PIB nacional foi de 9% e o percentual relativo a todo o agronegócio, ou seja, somando a parcela patronal foi de 28%. Para entender o que compõe estes percentuais é necessário esclarecer que junto ao setor rural (plantações e criações) são considerados outros três grupamentos: os insumos (atividades que alimentam o setor rural), a indústria (que é alimentada pela produção rural) e o sistema de distribuição (comercialização, transporte e serviços de produtos ligados à cadeia produtiva).

Considerando a **Figura 1**, a participação do setor agropecuário familiar em si (setor agrícola: 18% e pecuário: 15%) para a formação do agronegócio familiar é maior do que no sistema patronal (setor agrícola 16% e pecuário 9%). Isto, proporcionalmente, determina que o valor adicionado fixado pelas plantações e criações animais é maior no sistema familiar do que no patronal, o que

indica, grosso modo, que os produtos de caráter familiar têm menor articulação com o setor industrial.

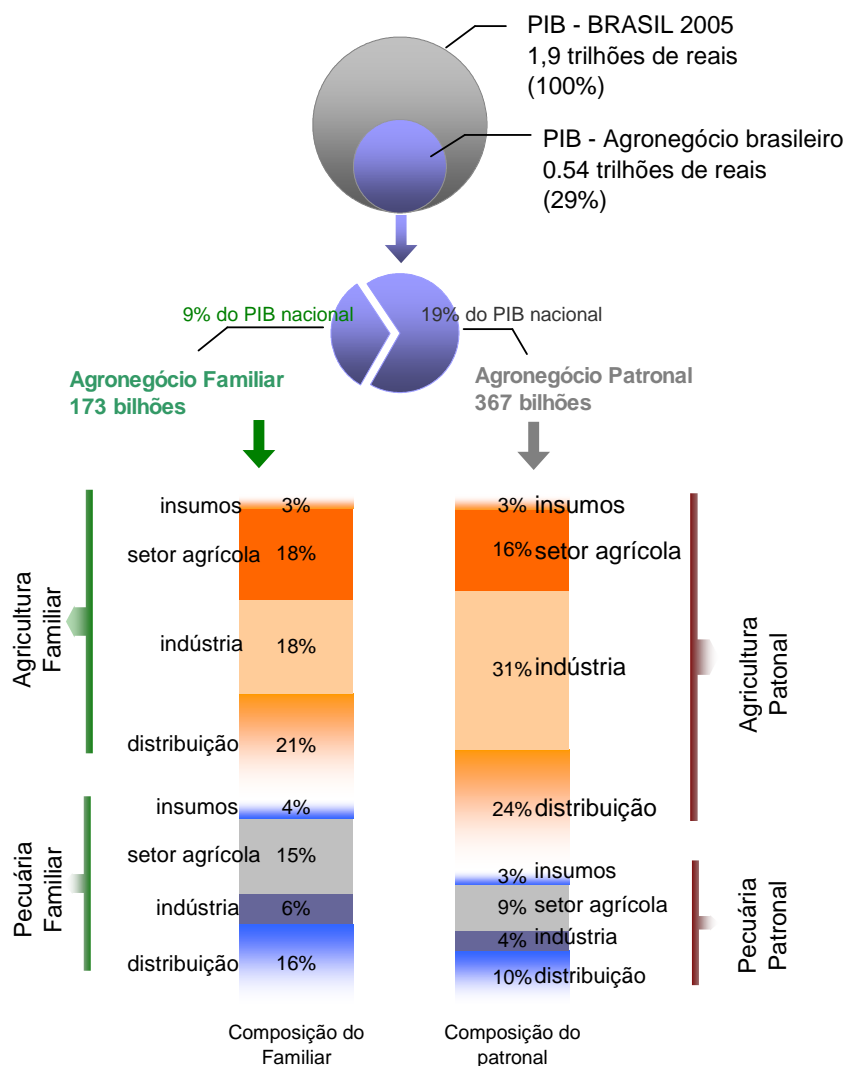


Figura 1. Composição e participação do agronegócio familiar e patronal, em 2005.

Fonte: Pesquisa PIB Agronegócio Familiar – NEAD-FIPE

Produtos como frutas e hortaliças são importantes para a agricultura familiar e exigem menor grau de processamento até chegar ao consumo final, ao mesmo tempo produtos como a soja, cana de açúcar e algodão constituem a matéria-prima de produtos totalmente industrializados. Por isso, no agronegócio patronal, grande parte do PIB é atribuída à indústria agrícola (31%), enquanto que no familiar, a própria produção do campo e a distribuição de seus produtos exercem maior participação.

Comparando a agricultura com a pecuária, vale destacar que nos dois tipos de agronegócio (familiar e patronal) o PIB associado à agricultura é maior, mas no caso do familiar, o setor pecuário é mais participativo, devido à forte presença da avicultura, suinocultura e bovinocultura leiteira.

As características inerentes a cada sistema produtivo em cada região do país definem a especialização da produção. Alguns tipos de plantações e criações dependem de técnicas melhor adaptadas ao perfil familiar, como os produtos que demandam por maior quantidade de mão-de-obra, enquanto que outros são desenvolvidos com mais vantagens em grandes propriedades, por exemplo, quando o uso da mecanização é mais vantajoso. Além disso, as regiões do Brasil diferem em características físicas (clima, relevo, tipo de solo) e sociais (época e forma de colonização) que implicam na heterogeneidade da distribuição de terras e organização social.

Em termos do PIB relacionado a cada cultivo e criação, alguns produtos são estritamente ligados ao sistema familiar. No **Gráfico 2**, avalia-se que a produção nacional de fumo, mandioca e feijão dependem basicamente das propriedades familiares. Da mesma forma as criações animais, excetuando-se a bovinocultura de corte, dependem em muito das propriedades consideradas familiares.

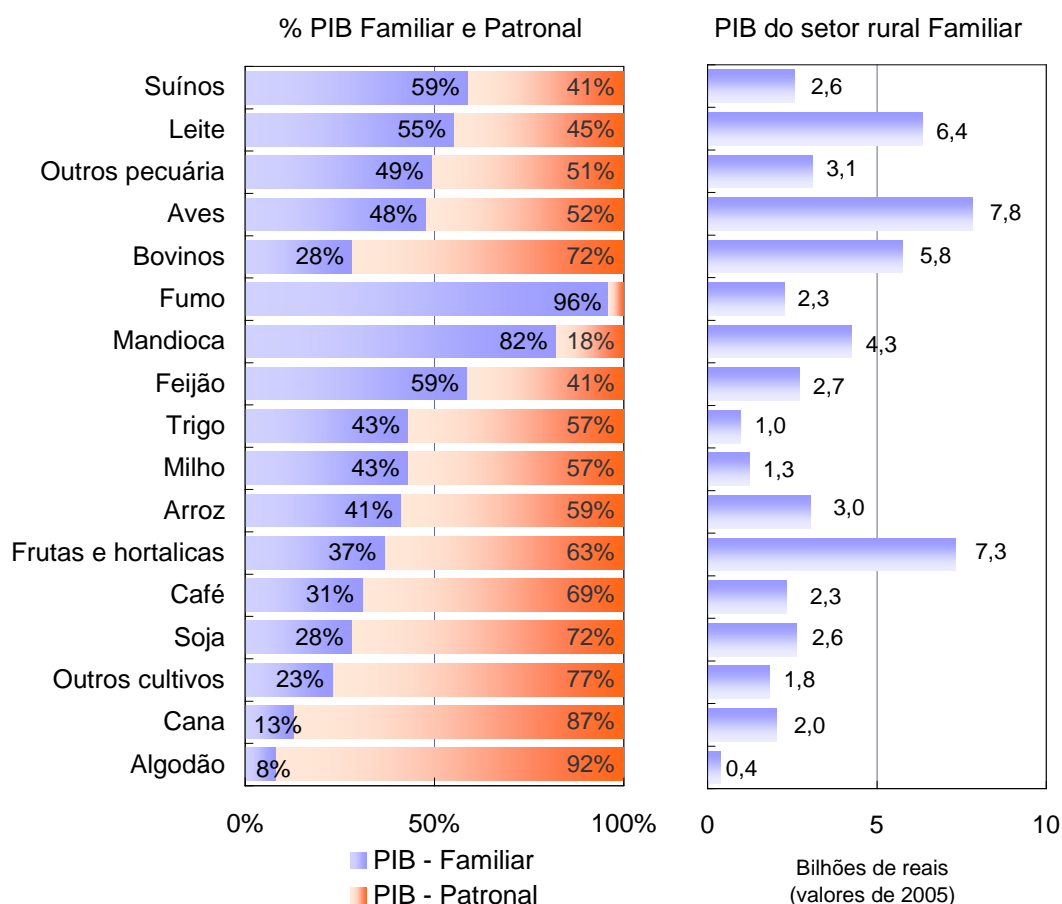


Gráfico 2. Participação do PIB familiar no total e o seu respectivo valor, considerando cada tipo de produção, em 2005.

Fonte: Pesquisa PIB Agronegócio Familiar – NEAD-FIPE

Consequentemente, o PIB das cadeias industriais da avicultura, suinocultura, dos lácteos, do fumo e do processamento de alguns produtos vegetais tornam-se ligados ao agronegócio familiar. No caso da indústria do segmento patronal, sobressaem-se: a produção de madeira e celulose, a agroindústria sucroalcooleira, a cadeia têxtil, a bovinocultura para o abate e produção de couro, a indústria de óleos vegetais e o beneficiamento de café.

Em termos da localização, a parcela familiar possui características regionais bem demarcadas. Nas regiões do Norte, Sul e Nordeste o agronegócio familiar tem expressiva colaboração no PIB do agronegócio. Por outro lado, no Centro-Oeste e Sudeste, sua participação é bem inferior. Dentre as cinco regiões, o Sul e o Centro-Oeste têm grande porção de suas economias embasadas no setor rural, com a primeira se caracterizando por uma agricultura familiar bem dinâmica nos três estados, com destaque no Rio Grande do Sul, sendo que na segunda, há total predominância do segmento patronal.

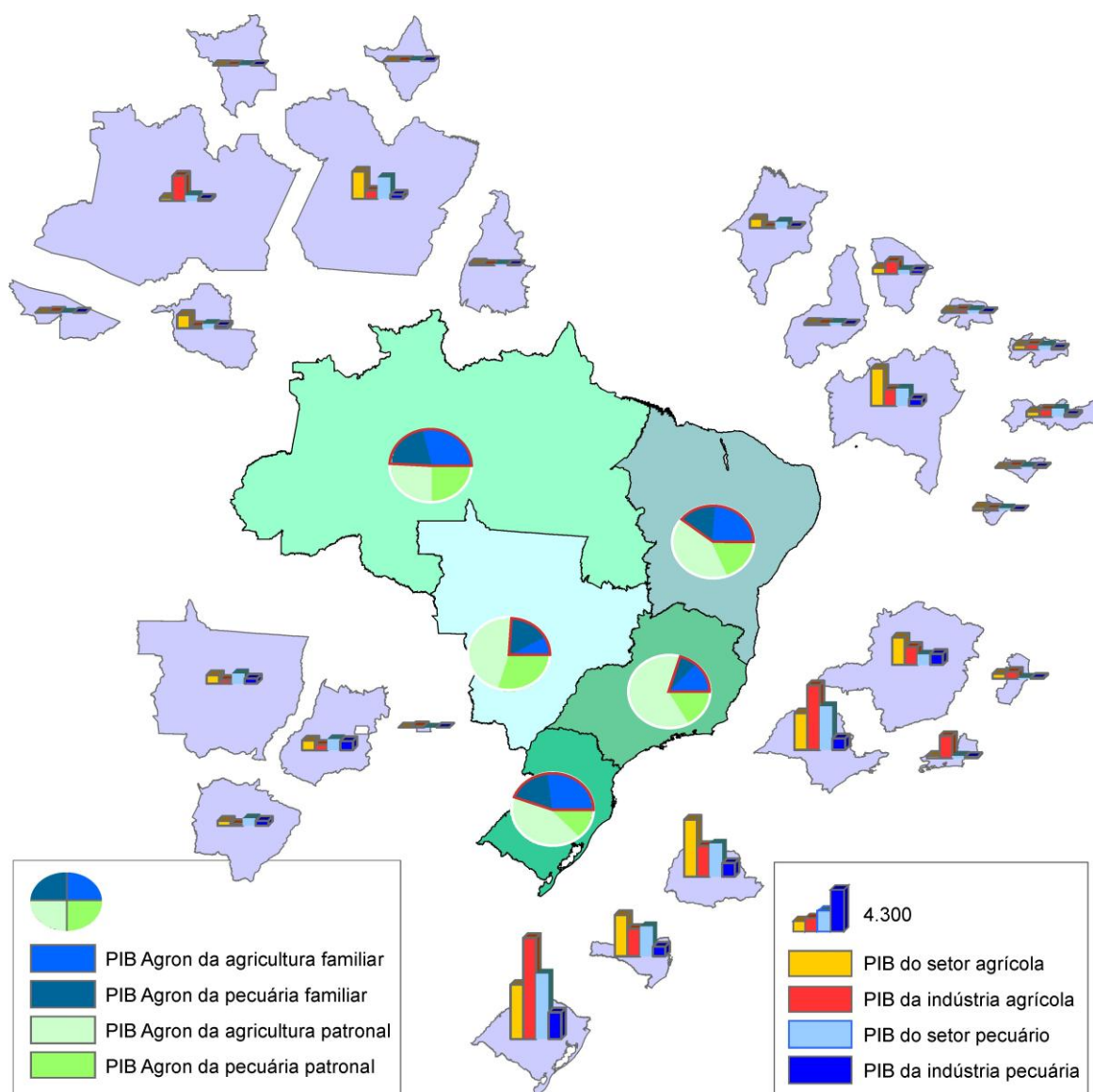


Figura 2. Participação do PIB familiar no total e o seu respectivo valor, considerando cada tipo de produção, em 2005.

Fonte: Pesquisa PIB Agronegócio Familiar – NEAD-FIPE

A região Sul possui peculiaridades que determinam o êxito rural de propriedades familiares. Fatores inerentes à forma de colonização e a herança cultural de povos europeus capacitaram os produtores a desenvolverem formas de associativismo, permitindo que pequenas unidades produtoras pudessem competir com propriedades maiores. Estas propriedades, praticamente, têm o mesmo potencial de absorção tecnológica das patronais, o que as torna produtivas. Como resultado disso, a valorização da terra evitou a competição predatória e os grandes investimentos migraram para áreas com abundância de terra, colonizadas mais recentemente como é o caso do Centro-Oeste.

A região Norte, onde agora se encontra a fronteira de expansão agrícola, tem grande participação do familiar, mas o montante do próprio agronegócio total é baixo se comparado com de outras regiões. As propriedades familiares do Norte e também do Nordeste são bem diferentes das



do Sul, pois sua existência é derivada de uma agricultura atrasada e de subsistência, ainda mantida pela saturação e o desemprego nos centros urbanos.

Concluindo, mesmo sob adversidades como insuficiência de terras e capital, dificuldades no financiamento, baixa disponibilidade tecnológica e fragilidade da assistência técnica, o peso da agricultura familiar na riqueza do País é representativo e não perdeu sua força nos últimos anos. Mas o processo de modernização da produção rural, muitas vezes, beneficia mais a produção patronal do que a familiar, além disso, a divergência, em termos de tamanho, capital e tecnologia, tornam as prioridades de cada produtor familiar diferentes. Os objetivos difusos da classe dificultam a sua organização para buscar de seus próprios interesses. Embora existam grupamentos locais, como associações e cooperativas que auxiliam o sistema familiar em algumas regiões, eles são totalmente inexistentes em outras.

Cabe, não apenas ao governo, mas a toda a sociedade melhorar o direcionamento de políticas, com ênfase no familiar. Esforços devem se concentrar na definição de regiões e especificação de produtos, cuja produção adere-se ao perfil familiar. Cultivos e criações, que dependem de mão-de-obra mais intensificada ou que estão presentes em áreas que impossibilitam o uso da mecanização, devem ser entendidos como alvos aos programas de auxílio à produção familiar.

Os resultados deste estudo apenas ajudam a entender a importância estratégica da agricultura familiar, destacando que, além de seu fundamental papel social na mitigação do êxodo rural e da desigualdade social do campo e das cidades, este setor deve ser encarado como um forte elemento de geração de riqueza, não apenas para o setor agropecuário, mas para a própria economia do país.